Revista Portuguesa de Educação
Universidade do Minho
rpe@iep.uminho.pt
ISSN (Versión impresa): 0871-9187
PORTUGAL

2004
Pedro Dias / Isabel Soares / Teresa Freire
PERCEPÇÃO DO COMPORTAMENTO DE VINCULAÇÃO DA CRIANÇA AOS 6 ANOS: CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA PARA PROFESSORES
Revista Portuguesa de Educação, año/vol. 17, número 001
Universidade do Minho
Braga, Portugal
pp. 191-207

Red ALyC
LA HEMEROTECA CIENTÍFICA EN LÍNEA EN CIENCIAS SOCIALES
www.redalyc.org

Revista Portuguesa de Educação, 2004, 17(1), pp. 191-207
© 2004, CIEd - Universidade do Minho

Percepção do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: construção de uma escala para professores

Pedro Dias, Isabel Soares & Teresa Freire
Universidade do Minho, Portugal

Resumo
Neste artigo é apresentada uma escala de avaliação da percepção do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos para professores — PCV-P. Os autores analisam os construtos teóricos subjacentes a este instrumento e caracterizam o processo de elaboração da escala. Apresentam-se os resultados relativos ao estudo psicométrico desta escala junto de uma amostra de professoras de 92 crianças, que indicam a existência de bons indicadores de validade e fidelidade. Finalmente, são discutidas as principais vantagens e limitações do instrumento.

Introdução

A teoria e investigação da vinculação têm recebido uma atenção crescente pelos estudiosos da psicologia e da psicopatologia do desenvolvimento e têm tido um impacto especial nos domínios da intervenção psicológica, nomeadamente na psicologia clínica e, mais recentemente, na psicologia escolar. Desde os seus primórdios, esta teoria do desenvolvimento humano tem articulado a construção conceptual e a avaliação dos seus pressupostos e manifestações, salientando-se na fase inicial a trilogia de John Bowlby (1969/1982, 1973, 1980) ao longo da qual são apresentadas as principais linhas da teoria e os estudos levados a cabo por Mary Ainsworth no Uganda e em Baltimore, que conduziram ao desenvolvimento de um procedimento laboratorial, central neste campo de estudo, designado Situação Estranha (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). A partir da

criação deste procedimento de avaliação da vinculação, vários têm sido os instrumentos de medida desenvolvidos neste campo, para a avaliação de crianças (e.g. procedimento de separação aos 6 anos, de Main & Cassidy, 1998), de adolescentes (e.g. Separation Anxiety Test, de Resnick, 1991) e de adultos, (e.g. Adult Attachment Interview, de George, Kaplan & Main, 1984, 1985, 1996).

Para além deste tipo de procedimentos, nos últimos anos tem-se verificado um aumento significativo de medidas de auto-relato da vinculação, os quais embora não permitam aceder à avaliação da organização da vinculação dos sujeitos, possibilitam a avaliação da percepção que estes têm das suas relações de vinculação. A principal vantagem deste tipo de instrumentos consiste na possibilidade de aplicação a grandes amostras de sujeitos, de um modo mais rápido e económico. Tendo em conta estes aspectos[1], os autores desenvolveram dois instrumentos de avaliação da percepção do comportamento de vinculação de crianças no início da idade escolar, um para mães, designado PCV-M (Dias, Soares & Freire, 2002) e outro para professores intitulado PCV-P, cujo estudo de construção é objecto deste artigo.

Desenvolvimento do comportamento de vinculação no período pré-escolar

O desenvolvimento do comportamento de vinculação decorre, de acordo com Bowlby (1969/1982), ao longo de quatro fases. As três primeiras fases ocorrem no primeiro ano de vida e caracterizam-se pelos seguintes aspectos, numa ordem sequencial: (1) orientação e sinais sem discriminação de figura; (2) orientação e sinais dirigidos a uma ou mais figuras discriminadas; (3) manutenção da proximidade em direcção a uma figura discriminada através da locomoção e de sinais. A última fase é designada por relação recíproca orientada para objectivos e começa por volta do terceiro ano de vida. Estas quatro fases são influenciadas pelas mudanças que ocorrem ao nível das competências emocionais, cognitivas, motoras e sociais, o que significa que o comportamento de vinculação vai apresentando diferentes manifestações, de acordo com as aquisições desenvolvimentais da criança, tanto ao nível da procura da proximidade, como ao nível da representação interna das relações de vinculação (modelos internos dinâmicos). Apesar de

Bowlby considerar que o desenvolvimento do comportamento de vinculação termina com a quarta fase, vários autores têm proposto que a relação de vinculação, após o período pré-escolar, apresenta características diferenciadas da relação recíproca. Waters, Kondo-Ikemura, Richters & Posada (1991) apresentam um modelo de desenvolvimento do comportamento de vinculação com oito fases, algumas delas comuns às propostas por Bowlby. A última fase proposta por estes autores é designada por ”supervisão partilhada”. De acordo com Waters *et al*., uma das principais funções da vinculação na infância é promover o desenvolvimento da independência. As alterações introduzidas pela transição progressiva do pensamento sensório-motor para o pensamento representacional (ao nível da procura de proximidade, manutenção de contacto e comunicação com os pais) possibilitam que a base segura se torne “portátil”, permitindo um alargamento progressivo da exploração e do desenvolvimento de novas relações sociais. Assim, se no passado, a criança, quando confrontada com situações incertas, desconfortáveis ou geradoras de tensão, tendia a procurar a proximidade física com a figura de vinculação, no presente é mais provável que recorra à comunicação verbal e a estratégias mais autónomas para lidar com a situação problemática. A relação com as figuras de vinculação passa a ser de supervisão partilhada, no sentido em que a criança e as figuras de vinculação partilham o objectivo de manter um certo grau de supervisão e contacto quando a criança se encontra afastada da supervisão directa.

Marvin e Britner (1999), em consonância com Bowlby, não consideram que essas mudanças se organizem numa fase distinta do desenvolvimento do comportamento de vinculação, embora reconheçam que existe um conjunto de alterações importantes no comportamento de vinculação após o período pré-escolar. Assim, a relação da criança com as figuras de vinculação continua a ser uma relação próxima e as interacções entre o comportamento de vinculação e a prestação de cuidados continuam a organizar-se numa relação recíproca cada vez mais complexa.

A relação com os professores

Para além das relações com os pais e outros familiares, a partir do período pré-escolar as crianças desenvolvem também relações próximas com outros adultos, especialmente com os seus professores. No contexto destas

relações podem manifestar-se os padrões de comportamento, crenças e sentimentos da criança construídos no contexto da relação com as figuras de vinculação (Pianta, 1994). Neste âmbito, um tópico que tem merecido a atenção dos investigadores da área da vinculação prende-se com o impacto da relação de vinculação com os pais — avaliada previamente durante a primeira infância ou avaliada no presente — nas relações estabelecidas em contexto escolar, tanto com os professores como com os pares.

Num importante estudo longitudinal levado a cabo com famílias provenientes de um meio socioeconómico desfavorecido em Minneapolis, as crianças em idade pré-escolar com história de vinculação segura eram menos dependentes dos professores do que as crianças inseguras (Sroufe, 1983; Sroufe, Fox & Pancake, 1983). As mesmas crianças, aos 10 anos, revelavam-se menos dependentes dos monitores no campo de férias em que participaram, do que as crianças inseguras (Urban, Carlson, Egeland & Sroufe, 1991).

Para além do impacto da qualidade da vinculação na primeira infância na relação com os professores e outros adultos no período escolar, um conjunto de estudos centrou-se na relação entre a qualidade da vinculação durante o período escolar e o desenvolvimento de relações com outros significativos durante este período. Dois desses estudos utilizaram um procedimento de separação em contexto de laboratório para avaliar a organização de vinculação de crianças de 6 anos (baseado no procedimento proposto por Main & Cassidy, 1988), tendo sido verificado que as crianças com uma vinculação segura eram mais competentes no jogo e na resolução de problemas em contexto escolar do que as crianças inseguras (Wartner *et al*.,1994) e que os rapazes com uma vinculação segura eram mais apreciados pelos professores e pelos pares do que os rapazes com uma vinculação insegura (Cohn, 1990).

O estudo de caso apresentado por Peterson, Fancher & Eaton (1978, cit. in Pianta, 1994) ilustra bem a importância da segurança da vinculação no contexto da relação professor-aluno. Este estudo incidiu sobre um professor do primeiro ano de escolaridade que desenvolveu uma relação com os alunos na qual os fazia sentir valorizados, apoiava a sua autonomia, motivava-os para a obtenção de objectivos e fornecia-lhes suporte para interpretar e lidar de forma adequada com as exigências ambientais, o que se traduziu na

melhoria do rendimento académico, competência comportamental e adaptação às exigências do mundo adulto. Como Pianta (1994) sublinha, este estudo revela o impacto das características promotoras de uma relação de vinculação segura — experiência de segurança com liberdade para explorar o mundo de forma competente — na relação professor-aluno.

Avaliação da qualidade da vinculação nos períodos pré-escolar e escolar

Numa revisão da literatura sobre avaliação da qualidade da vinculação no período pré-escolar (3-6 anos), é possível encontrar três grandes grupos de metodologias de avaliação: procedimentos laboratoriais de separação/reunião com as figuras de vinculação e respectivos sistemas de classificação (e.g. Main & Cassidy, 1988; Crittenden, 1992), procedimentos baseados na representação simbólica da criança (e.g. Kaplan, 1995; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990; George & Solomon, 1994) e um procedimento centrado na observação de comportamento em contexto natural, o *Attachment Q-Sort — AQS —* (Waters, 1995). Este último procedimento distingue-se dos anteriores pelo facto de procurar avaliar os comportamentos de vinculação em casa, procurando identificar padrões habituais de interacção da criança com as figuras de vinculação, ao passo que os outros dois métodos avaliam a relação com as figuras de vinculação em contextos que estrategicamente activam o sistema de vinculação da criança.

Tendo em vista o nosso objectivo de construção de uma escala de avaliação da vinculação para o contexto escolar, procedeu-se a uma revisão da literatura específica neste domínio, tendo sido analisada em particular a escala de avaliação *Student-Teacher Relationship Scale* (Pianta, 1996), centrada na percepção que os educadores/professores têm da relação com uma determinada criança. Este instrumento é composto por 28 itens em formato *Likert*, que incidem por um lado nas emoções e crenças do professor acerca da relação que estabelece com um aluno específico e por, outro lado, no comportamento desse aluno face a ele próprio. Os itens encontram-se organizados em três sub-escalas, que avaliam aspectos centrais das relações entre as crianças e os professores: Conflito (composta por itens como por exemplo “esta criança e eu estamos sempre em conflito”), Proximidade (composta por itens como por exemplo “esta criança partilha abertamente os

seus sentimentos e experiências comigo") e Dependência (composta por itens como por exemplo "esta criança reage negativamente quando é separada de mim").

A partir da revisão da literatura sobre o desenvolvimento da vinculação e sobre a sua avaliação nos períodos pré-escolar e escolar, foram identificados os principais construtos a incluir na nossa escala de avaliação do comportamento de vinculação em crianças no início da idade escolar para professores. O início do período escolar exige à criança um progressivo distanciamento das figuras de vinculação, sendo no entanto necessário que continue a ser capaz de recorrer ao apoio e ajuda das figuras de vinculação sempre que se sinta em *stress* (comportamento base-segura). É também esperado que a criança revele uma capacidade de regulação das suas emoções e impulsos, necessária a uma integração adequada em contextos exteriores à família (auto-regulação emocional). Importa ainda que a criança seja capaz de partilhar com os outros as emoções que vai experienciando (partilha de afecto). De uma forma geral, o funcionamento adequado da criança nestas dimensões é o fruto de uma relação de vinculação segura, que permitiu o desenvolvimento de modelos internos que moldam as expectativas positivas face ao *self* e face ao estabelecimento de novas relações.

Método

Participantes

Participaram no estudo quatro professores do primeiro ano primeiro ciclo do ensino básico em duas escolas da cidade de Braga. Foram avaliadas 92 crianças, cuja média de idades é de 6 anos e 2 meses (com um desvio-padrão de 4.6 meses), sendo 46% do sexo masculino e 54% do sexo feminino. A amostra foi seleccionada após contacto prévio com os conselhos executivos das escolas e respectiva autorização. Foi pedido às professoras que avaliassem um número reduzido de alunos de cada vez, para evitar a comparação entre os sujeitos e o efeito de fadiga.

Instrumentos

Os itens a incluir na escala partiram da elaboração de um banco de cerca de 60 itens, recolhidos em instrumentos existentes (e.g. AQS, de

Waters, *Student-Teacher Relationship Scale*, de Pianta), nos resultados de investigações longitudinais com crianças já avaliadas com a Situação Estranha e nos principais construtos referidos pelos investigadores da vinculação para os períodos pré-escolar e escolar.

Este banco de itens foi submetido a um primeiro momento de avaliação qualitativa conduzida por um conjunto de especialistas na Teoria da Vinculação e ainda de investigadores e profissionais, no sentido de analisar a adequação dos itens à população-alvo e às dimensões conceptuais subjacentes. A formulação dos itens procurou seguir os princípios básicos apontados por Almeida e Freire (2000): objectividade, simplicidade, relevância, amplitude do domínio em que o item se insere e clareza dos itens. O princípio da objectividade dos itens foi seguido de modo particular de forma a evitar possíveis enviesamentos, tendo em conta a proximidade da relação entre os observadores (mães e professores) e os sujeitos-alvo (crianças). Os vários investigadores no domínio da vinculação foram convidados a ler os itens e a procurar relacioná-los com diferentes dimensões relevantes para a investigação da vinculação em idade escolar. Em relação aos profissionais, foi contactado um grupo de professoras do 1º ano de escolaridade que contribuiu para a maior adequação da linguagem dos itens à população a que se destinam.

O passo seguinte consistiu na realização da "reflexão falada" dos itens junto de sujeitos próximos dos futuros destinatários do instrumento. Para tal foram ouvidos vários professores com o objectivo de avaliar o conteúdo e a forma dos itens, nomeadamente a sua clareza, compreensibilidade e adequação aos objectivos da prova.

Deste processo de avaliação qualitativa das escalas resultou a formulação final de um conjunto de 36 itens. Com estes itens elaborou-se uma primeira versão do instrumento, com uma apresentação destinada à auto-administração, sendo incluídas questões relativas aos dados biográficos da criança (género e idade) e instruções de preenchimento. Os itens foram distribuídos de forma aleatória relativamente às dimensões de pertença e o formato de resposta foi uma escala tipo *likert* de 5 pontos com o seguinte significado: 1 = totalmente diferente deste(a) aluno(a); 2 = um pouco diferente deste(a) aluno(a); 3 = nem parecido nem diferente deste(a) aluno(a); 4 = um pouco parecido com este(a) aluno(a); 5 = totalmente parecido com este(a)

aluno(a). As escalas incluíram itens formulados pela positiva e pela negativa dentro de cada dimensão.

O passo seguinte no processo de construção das escalas consistiu na sua administração a uma amostra de professores de crianças a frequentar o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico com o objectivo de estudar as suas características psicométricas.

Procedimento

Características psicométricas

Uma vez administrado o questionário procedeu-se, num primeiro momento, à análise dos itens. Todos os dados foram trabalhados utilizando o programa informático SPSS, versão 11.5 para Windows (SPSS, 2002).

Na análise dos dados, para além das estatísticas descritivas dos itens, tais como a média, mediana, desvio-padrão, valor mínimo e máximo, foram também realizadas a análise da consistência interna (através da análise do coeficiente de *alpha* de Cronbach) e da dimensionalidade dos itens (através da Análise Factorial Exploratória de Componentes Principais) tendo em vista avaliar a validade de construto do instrumento. Integrámos estes dois tipos de análise, como complementares, pois ambos podem ser usados para determinar a estrutura final das escalas (Janda, 1998).

Resultados

Partindo do princípio que a escala em estudo seria de utilização complementar à escala de percepção materna, foram calculados os índices de fidelidade para cada uma das três dimensões da PCV-M (Dias, Soares & Freire, 2002): Auto-regulação emocional, Partilha de Afecto e Comportamento Base-Segura. A realização deste procedimento levou à eliminação de 6 itens (2 na dimensão auto-regulação emocional e 4 dimensão comportamento base-segura) cujos valores de correlação item-total contribuíam para a diminuição dos índices de fidelidade destas dimensões.

De seguida, foi realizada uma análise factorial (com rotação *oblimin*) forçada à extracção de 3 factores, com os 30 itens que resultaram das análises de fidelidade efectuadas. Esta análise factorial permitiu concluir que

os itens pertencentes à dimensão partilha de afecto se distribuíram por dois factores, cada um deles concentrando a maioria dos itens das duas restantes dimensões. Tendo em conta este facto, foi necessário proceder a uma análise qualitativa dos dois principais factores, o que permitiu concluir que os itens pertencentes à dimensão partilha de afecto poderiam ser enquadrados nas outras duas dimensões. Com base nesta análise dos resultados, procedeu-se à realização de uma nova análise factorial, desta vez forçando a extracção de dois factores, o que permitiu enquadrar de forma mais clara os itens. Desta análise resultou a eliminação de dois itens que não saturaram em nenhuma das dimensões, tendo a escala ficado reduzida a 28 itens (ver quadro 1).

Os quadros 2 e 3 apresentam os itens pertencentes às sub-escalas de comportamento base-segura e de auto-regulação emocional.

Quadro 1 - Estrutura factorial da escala PCV-P, valor-próprio, percentagem da variância explicada e *alpha* de Cronbach para cada uma das dimensões

Itens	F1 (Comportamento Base Segura)	F2 (Auto-regulação emocional)
31	,850	
13	,755	
2	,751	
32	,748	
8	,686	
7	,667	
6	,654	
4*	,639	
25	,603	
26	,581	
3	,571	
1	,542	
15	,541	
29	,485	
35	,404	
36*	388	
10*		,789
34		,768
27*		,758
18*		,750
9		,742
28		,727
16*		,721
20*		,615
24		,612
14*		,471
21*		,463
33*		,436
Valor-próprio	10.85	3.01
% variância explicada	38.76%	10.75%
Alpha	.93	.89

Quadro 2 - Conteúdo dos itens da sub-escala de comportamento base-segura

Itens	Conteúdo
1	Quando este(a) aluno(a) está aflito(a) ou preocupado(a), aceita que eu o(a) conforte.
2	Este(a) aluno(a) fala comigo acerca de preocupações que tem sobre o relacionamento dele(a) com outras pessoas (p.ex., com colegas).
3	Este(a) aluno(a) demonstra espontaneamente afecto por mim.
4*	Este(a) aluno(a) é frio(a) e indiferente em relação a mim.
6	Este(a) aluno(a) tem facilidade em estabelecer relações de amizade com os colegas.
7	Quando confrontado(a) com uma situação de dificuldade, este(a) aluno(a) procura ajuda junto de mim, se tal for necessário.
8	Este(a) aluno(a) mostra interesse em obter a minha aprovação quando consegue fazer alguma coisa pela primeira vez.
13	Depois deste(a) aluno(a) apanhar um susto ou estar aflito, acalma-se depressa tendo contacto físico comigo.
15	Este(a) aluno(a) não tem medo de fazer alguma coisa quando eu lhe digo que é seguro ou que não há problemas.
25	Este(a) aluno(a) procura-me quando está ferido(a) ou magoado(a).
26	Este(a) aluno(a) confidencia-me situações em que é excluído(a) pelos outros.
29	Quando a turma vai passear para um local pela primeira vez, este(a) aluno(a) mostra-se interessado(a) em conhecê-lo.
31	Este(a) aluno(a) pede-me ajuda quando está aflito(a) ou tem problemas.
32	Este(a) aluno(a) gosta de me contar experiências positivas ou divertidas que aconteceram com ele(a).
35	Quando este(a) aluno(a) aprende algo de novo, mostra-se curioso(a) por aprender mais acerca desse assunto (p.ex., fazendo perguntas).
36*	Este(a) aluno(a) demonstra uma grande distância emocional relativamente aos colegas.

*itens invertidos

Quadro 3 - Conteúdo dos itens da sub-escala de auto-regulação emocional

Itens	Conteúdo
9	Este(a) aluno(a) aceita restrições relacionadas com a sua segurança (p.ex., não sair do recinto da escola, não saltar muros,...)
10*	Este(a) aluno(a) diz coisas para me magoar.
14*	Este(a) aluno(a) esconde de mim as experiências más que teve, com medo de ser culpado(a) por elas.
16*	Este(a) aluno(a) ameaça portar-se mal.
18*	Este(a) aluno(a) demonstra comportamentos de hostilidade e agressividade em relação aos colegas mais fracos e indefesos.
20*	Este(a) aluno(a) esconde de mim erros e acidentes que viveu, com medo que eu não goste mais dele(a).
21*	Este(a) aluno(a) gosta que o(a) deixem sozinho(a) quando está com problemas (triste, chateado(a), etc.)
24	Este(a) aluno(a) procura resolver de forma não violenta os problemas com colegas agressivos.
27*	Este(a) aluno(a) grita comigo, com raiva.
28	Este(a) aluno(a) é capaz de controlar os seus impulsos quando a situação o exige (p.ex., quando eu lhe chamo a atenção).
33*	Este(a) aluno(a) fica zangado(a) comigo durante muito tempo.
34	Este(a) aluno(a) é capaz de controlar as suas emoções quando tal é necessário (p.ex., quando os colegas "peguilham" com ele(a)).

*itens invertidos

De seguida, foram calculados novamente os índices de fidelidade, sendo encontrados valores de alpha de Cronbach de .93 para a sub-escala Comportamento Base Segura, .89 para a sub-escala Auto-regulação Emocional e .93 para o total da escala, que constitui um indicador da segurança da vinculação.

Finalmente, procedeu-se a uma análise de correlação de Spearman entre as sub-escalas obtidas e a escala total, apresentada no Quadro 4. A análise destes resultados permite concluir que as duas sub-escalas, se correlacionam significativamente com a escala total e entre si.

Quadro 4 - Matriz de Correlação de Spearman entre as sub-escalas e a escala total

	Comportamento Base-Segura	Auto-regulação Emocional	Total
Comportamento Base-Segura	___		
Auto-regulação Emocional	.533**	___	
Total	.870**	.866**	___

Conclusão

Após este estudo preliminar, a escala de avaliação da percepção do comportamento de vinculação da criança para professores (PCV-P) apresenta valores de validade e fidelidade considerados aceitáveis, constituindo assim um instrumento útil para a avaliação pelo professor da segurança da vinculação em crianças no período escolar. Dos índices psicométricos estudados, destacam-se os elevados valores de consistência interna das sub-escalas e da escala total e a organização dos itens em dois factores relevantes do ponto de vista da teoria da vinculação, conforme atestado pela análise factorial exploratória efectuada.

As duas sub-escalas da PCV-P — auto-regulação emocional e comportamento base-segura — correspondem a dimensões importantes do desenvolvimento da vinculação neste período e a indicadores da qualidade das relações estabelecidas pela criança, que poderão ser úteis na avaliação em contexto escolar. A nota global da escala é um indicador da segurança da vinculação da criança, a partir da percepção do seu comportamento em contexto escolar. Outra vantagem deste instrumento reside na possibilidade de utilização em grandes amostras, devido à sua reduzida dimensão (28 itens) e facilidade de resposta, podendo assim vir a constituir-se como uma alternativa às metodologias de avaliação da vinculação utilizadas nesta população que apresentam, como já foi referido, custos elevados de aplicação.

No entanto, este instrumento apresenta, ainda, algumas limitações que importa ter em consideração. Em primeiro lugar, a escala necessita ser aplicada em amostras mais vastas, de modo a ser possível proceder a

análises psicométricas que contribuam para o estudo mais aprofundado da sua validade e fidelidade. Em segundo lugar, será importante estudar esta escala em amostras da população clínica e de população em risco, permitindo analisar a sua validade discriminante[2]. Finalmente, importa proceder à avaliação da validade convergente do instrumento com outros procedimentos de avaliação da qualidade da vinculação nesta faixa etária reconhecidos na literatura científica[3].

Notas

1 O projecto de investigação longitudinal "Estudo de Coortes — do uso ao abuso de substâncias psicoactivas: os mecanismos de "risco adictivo" da infância à idade adulta", coordenado pelo Prof. Doutor Carlos Farate (Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra) previa o acompanhamento de uma coorte, composta por 2500 crianças do 1º ano de escolaridade, durante 10 anos, com o objectivo de identificar factores de risco e factores protectores do consumo de droga. Estes sujeitos seriam avaliados relativamente a aspectos médicos, sociais e psicológicos considerados importantes para o desenvolvimento de comportamentos de uso de drogas. A temática da vinculação foi considerada importante para examinar o percurso desenvolvimental, pelo que foi proposto aos autores o desenvolvimento de um instrumento que permitisse a avaliação da vinculação numa larga amostra de crianças que frequentam o primeiro ano de escolaridade.

2 Está a decorrer a aplicação destas escalas em populações de diferentes zonas do país e junto de uma amostra de crianças em risco (institucionalizadas).

3 O estudo da validade convergente está já em curso com uma ampla amostra de crianças do primeiro ano de escolaridade envolvidas num programa de promoção do desenvolvimento emocional.

Referências

AINSWORTH, M., BLEHAR, M., WATERS, E. & WALL, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

ALMEIDA, L. S. & FREIRE, T. (2000). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.

BOWLBY, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Attachment* (1ª e 2ª edição respectivamente). London: Basic Books.

BOWLBY, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. London: Basic Books.

BOWLBY, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.

BRETHERTON, I., RIDGEWAY, D. & CASSIDY, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Ciccheti & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 273-308.

COHN, D. A. (1990). Child-mother attachment of 6-year-olds and social competence at school. *Child Development*, 61, pp. 152-162.

CRITTENDEN, P. M. (1992). *Preschool Assessment of Attachment*. Manuscrito não publicado, Family Relations Institute, Miami, FL.

DIAS, P., SOARES, I. & FREIRE, T. (2002). Percepção materna do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: construção de uma escala. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, pp. 335-347.

GEORGE, C., KAPLAN, N. & MAIN, M. (1984, 1985, 1996). *Attachment interview for adults*. University of California at Berkeley. (Manuscrito não publicado).

GEORGE, C. & SOLOMON, J. (1994). *Six-year attachment doll play procedures and classification system*. Manuscrito não publicado, Mills College, Oakland, CA.

JANDA, L. H. (1998). *Psychological testing: theory and applications*. Massachussets: Ally & Bacon.

KAPLAN, N. (1987). *Individual differences in six-years-olds' thoughts about separation: Predicted from attachment to mother at one year of age*. Dissertação de doutoramento não publicada, Berkeley, CA: University of Califórnia.

MAIN, M. & CASSIDY, J. (1988). Categories of response to reunion with the parent at age 6: Predictable from infant attachment classifications and stable over a 1-month period. *Developmental Psychology*, 24, pp. 1-12.

MARVIN & BRITNER (1999). Normative development: The ontogeny of attachment supervision partnership. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press, pp. 44-67.

PIANTA, R. (1994). Patterns of relationships between children and kindergarten teachers. *Journal of School Psychology*, 32, pp. 15-31.

PIANTA, R. (1996). *The Student-Teacher Relationship Scale*. Manuscrito não publicado. Charlotesville, VA: Universidade de Virginia.

RESNICK, G. (1991). *Measuring attachment in early adolescence: A manual for the administration, coding and interpretation of the Separation Anxiety Test for 11 to 14 year olds*. Auburn University, Department of Family and Child Development. (Manuscrito não publicado).

SROUFE, L. A. (1983). Infant-caregiver attachment and patterns of adaptation in preschool: The roots of maladaptation and competence. In M. Permutter (Ed.), *Minnesotta Symposia on Child Psychology: Vol. 16. Development and policy concerning children with special needs*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, pp. 41-83.

SROUFE, L. A. , FOX, N. E. & PANCAKE, V. R. (1983). Attachment and dependency in developmental perspective. *Child Development*, 54, pp. 1615-1627.

THOMPSON, R. A. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Press, pp. 265-285.

URBAN, J., CARLSON, E., EGELAND, B. & SROUFE, L. A. (1991). Patterns of individual adaptation across childhood. *Development and Psychopathology*, 3, pp. 445-460.

WARTNER, U. G., GROSSMANN, K., FREMMER-BOMBIK, E. & SUESS, G. (1994). Attachment patterns at age six in south Germany: Predictability from infancy and implications for preschool behaviour. *Child Development*, 65, pp. 1014-1027.

WATERS, E. (1995). The attachment Q-Set. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada & Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models*. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2-3 Serial No. 244), pp. 247-254.

WATERS, E., KONDO-IKEMURA, K., RICHTERS, J. E. & POSADA, G. (1991). Learning to love: Milestones and mechanisms. In M. Gunner & A. Sroufe (Eds.), *Self processes and development. The Minnesota Symposia on Child Development* (v.23). Hilsdale, NJ: Erlbaum.

A SCALE FOR ASSESSING THE TEACHER'S PERCEPTION OF THE ATTACHMENT BEHAVIOR IN 6-YEARS OLD CHILDREN

Abstract

This text presents a scale for assessing the teacher's perception related to 6-years old student's attachment behavior. First, the authors analyse the scale's theoretical framework and describe its elaboration procedure. A psychometric study with a sample of teachers of 92 children is presented and the results show high levels of validity and reliability. Finally, the authors discuss the main advantages and limitations of this measure.

PERCEPTION DU COMPORTEMENT DE LIAISON DE L'ENFANT DE 6 ANS: LA CONSTRUCTION D'UNE MESURE D'ÉVALUATION POUR LES PROFESSEURS

Résumé

Ce texte présente un instrument pour évaluer la perception du comportement de liaison des enfants de 6 ans, par des professeurs. Dans un premier moment, les auteurs analysent le cadre théorique de l'instrument et décrivent les procédures suivies. C'est aussi présenté l'étude psychométrique avec un échantillon de 92 enfants. Les résultats montrent des haut niveaux de validité et fidélité. Les auteurs terminent avec la discussion des principaux avantages et limitations de cet instrument.

Toda a correspondência relativa a este artigo deve ser enviada para: Pedro Dias, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal. Telef.: 253604257; E-mail: pedrodias@iep.uminho.pt